ISSN 2446-5860

BOLETIM

Hortigranjeiro



Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Copyright © 2026 - Companhia Nacional de Abastecimento - Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Depósito Legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Disponível em: www.conab.gov.br
ISSN 2445-5860

Supervisão:
Candice Mello Romero Santos
Gabriel Rabello Correa

Coordenação Técnica:
Flávia Machado Starling Soares

Responsáveis Técnicos:
Aníbal Teixeira Fontes
Arthur Nascimento Paiva
Fernando Chaves Almeida Portela
Juliana Martins Torres
Newton Araújo Silva Junior
Sabrina Lima de Assis
Thaís França Silva
Yasmin Ventura Araujo

Colaboradores: Centrais de Abastecimento do Brasil - CEASAS Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento - ABRACEN

Editoração e layout: Superintendência de Marketing e Comunicação - Sumac / Gerência de Eventos e Promoção Institucional - Gepin

Fotos: Alexander Lesnitsky, Ernesto Rodriguez, Holger Grybsch, Varintorn Katawong,Robert Owen Wahl, Capri23auto,Obodai26, PublicDomainPictures, Bru-nO, FruitnMore por Pixabay

Normalização:

Thelma Das Graças Fernandes Sousa CRB-1/1843

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Boletim Hortigranjeiro**, Brasília - DF, v. 12, n. 27, outubro, 2026.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737b Companhia Nacional de Abastecimento.
Boletim Hortigranjeiro / Companhia Nacional de Abastecimento. - v.1, n.1 (2015-). - Brasília : Conab, 2015-
v.

Mensal

Disponível em: www.conab.gov.br.

ISSN: 2446-5860

1. Produto Hortigranjeiro. 2. Produção Agrícola. I. Título.

CDU 633/636(05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/184

SUMÁRIO

Apresentação 04

Tabelas de Preços 05
Análise das Hortaliças 06

Alface 07

Batata.....09

Cebola.....11

Cenoura 13

Tomate 15

Análise das Frutas 17

Banana 18

Laranja 20

Maçã 22

Mamão.....24

Melancia 26

Mercado Internacional de Hortigranjeiros 28

Destaques das Centrais de Abastecimento 31



APRESENTAÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) publica, neste mês de agosto, o Boletim Hortigranjeiro nº 9 – Volume 12, no âmbito do Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro (Prohort). A publicação analisa a comercialização de frutas e hortaliças nos principais entrepostos públicos do país, importantes canais de abastecimento de produtos in natura.

A análise mensal contempla os produtos com maior representatividade nas Centrais de Abastecimento (Ceasas) e maior peso no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA): alface, batata, cebola, cenoura, tomate, banana, laranja, maçã, mamão e melancia.

Os dados utilizados foram coletados nas Ceasas localizadas em São Paulo/SP, Belo Horizonte/MG, Rio de Janeiro/RJ, Campinas/SP, Vitória/ES, Curitiba/PR, Florianópolis/SC, Recife/PE, Rio Branco/AC e Fortaleza/CE, que, em conjunto, concentram parcela expressiva da comercialização nacional de hortigranjeiros.

Além dos produtos analisados regularmente, o Boletim destaca outros itens relevantes para o consumo alimentar que apresentam variações significativas de preços, oferecendo alternativas aos consumidores e agentes de mercado. Nesta edição, a seção Destaques das Ceasas tem como tema “Resíduos sólidos orgânicos, oportunidades de transformação de cenários”.

O Prohort, coordenado pela Conab, tem como pilares a coleta, sistematização e divulgação de informações de mercado, permitindo o acompanhamento de preços, volumes, origens, séries históricas e análises técnicas do setor hortigranjeiro. Os dados são coletados pelas Ceasas, validados pelos entrepostos e consolidados pela equipe técnica da Conab, sendo disponibilizados ao público no portal do Programa.

Os preços médios apresentados correspondem à média ponderada pela quantidade comercializada. Atualmente, a base de dados Conab/Prohort reúne informações de 117 frutas e 123 hortaliças, abrangendo mais de mil produtos considerando suas variedades.

TABELA DE PREÇOS

Em setembro/26, os preços das principais hortaliças comercializadas nos entrepostos analisados apresentaram comportamento predominantemente de alta. A única hortaliça que apresentou desvalorização foi a cenoura. As demais apresentaram valorizações de até 48,85%, no caso, o tomate. Em relação às frutas, a maioria apresentou tendência de baixa, com destaque para a melancia, que apresentou desvalorização de 11,06%.

Preços médios em setembro de 2026 das principais hortaliças comercializadas nos entrepostos selecionados.

Produto	Alface		Batata		Cebola		Cenoura		Tomate	
Ceasa	Preço	Set/Ago	Preço	Set/Ago	Preço	Set/Ago	Preço	Set/Ago	Preço	Set/Ago
CEAGESP - São Paulo	4,79	48,30%	3,75	35,30%	4,95	26,66%	3,50	-18,91%	5,79	30,71%
CEASAMINAS - Belo Horizonte	8,84	-6,08%	3,11	36,80%	4,80	35,38%	2,65	-16,79%	5,24	71,46%
CEASA/RJ - Rio de Janeiro	3,91	12,75%	1,83	50,74%	4,85	31,07%	3,75	-8,70%	6,39	63,86%
CEASA/SP - Campinas	3,57	6,26%	4,74	22,09%	5,58	48,52%	3,76	-14,35%	8,21	52,74%
CEASA/ES - Vitória	3,77	5,77%	4,09	43,20%	4,90	24,57%	3,28	-13,16%	5,76	61,37%
CEASA/PR - Curitiba	4,48	9,27%	4,41	62,27%	5,07	36,79%	3,07	-19,07%	8,85	59,36%
CEASA/SC - São José	6,39	4,87%	2,61	-28,27%	4,02	-19,97%	4,02	-3,98%	5,22	48,88%
CEASA/PE - Recife	3,73	-9,25%	4,63	23,32%	4,83	31,01%	4,62	-15,23%	2,52	24,29%
CEASA/CE - Fortaleza	11,91	-4,41%	8,20	70,48%	6,61	20,26%	3,45	-14,81%	4,09	22,09%
CEASA/AC - Rio Branco	11,90	0,00%	6,23	46,24%	6,59	31,28%	4,64	-31,76%	10,93	63,62%
Média Ponderada	**5,86**	**15,69%**	**3,49**	**32,88%**	**5,01**	**29,31%**	**3,40**	**-16,03%**	**5,91**	**46,85%**

Preços médios em setembro de 2026 das principais frutas comercializadas nos entrepostos selecionados.

Produto	Banana		Laranja		Maçã		Mamão		Melancia	
Ceasa	Preço	Set/Ago	Preço	Set/Ago	Preço	Set/Ago	Preço	Set/Ago	Preço	Set/Ago
CEAGESP - São Paulo	3,99	-6,39%	2,22	6,81%	7,96	13,84%	4,00	-14,09%	2,00	-19%
CEASAMINAS - Belo Horizonte	2,87	-15,73%	2,00	6,10%	6,09	16,82%	4,02	-11,10%	2,48	-7%
CEASA/RJ - Rio de Janeiro	3,75	6,36%	2,31	6,08%	6,07	3,82%	4,88	-17,67%	3,67	25%
CEASA/SP - Campinas	3,88	-4,57%	2,18	-3,37%	7,62	13,64%	4,90	-4,52%	2,26	-24%
CEASA/ES - Vitória	3,01	-10,01%	1,77	-4,04%	6,78	15,64%	3,07	-12,45%	2,50	-15%
CEASA/PR - Curitiba	2,92	-1,60%	2,76	3,80%	6,48	2,81%	6,03	2,00%	2,37	-17%
CEASA/SC - São José	3,73	5,24%	2,84	2,34%	4,33	-2,41%	7,34	-19,36%	2,27	-39%
CEASA/PE - Recife	2,35	-13,16%	1,79	-0,80%	8,49	13,05%	3,82	4,11%	1,88	-19%
CEASA/CE - Fortaleza	3,47	0,13%	2,69	-11,92%	9,94	0,82%	3,69	1,58%	3,31	0%
CEASA/AC - Rio Branco	3,54	100,52%	3,66	10,16%	4,68	1,08%	5,37	-32,84%	-	-
Média Ponderada	**3,36**	**-2,63%**	**2,24**	**3,28%**	**7,19**	**11,99%**	**4,60**	**-8,92%**	**2,42**	**-11,06%**

Fonte: Conab/Ceasas

ANÁLISE DAS HORTALIÇAS

O volume total de hortaliças comercializadas em setembro nas Ceasas contempladas pelo Boletim Hortigranjeiro apresentou queda de 3,1% em relação a agosto. Na comparação com setembro de 2025 e de 2024, o cenário também foi negativo, com reduções de 11,3% e 10,1%, respectivamente.

No acumulado do ano, a comercialização de hortaliças manteve a tendência de retração. De janeiro a setembro de 2026, o volume comercializado ficou 5,5% abaixo do registrado no mesmo período de 2025. Em relação ao intervalo de janeiro a setembro de 2024, a movimentação também apresentou queda, de 7,7%.

Gráfico 1 — Quantidade de hortaliças comercializadas nas Ceasas em 2024, 2025 e 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

ALFACE

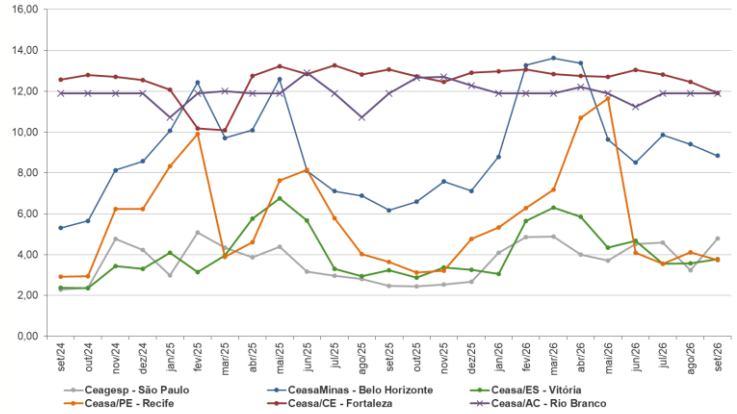
Em setembro, os preços da alface apresentaram discreta tendência de alta na maioria das Ceasas. Na Ceasa/AC – Rio Branco ocorreu estabilidade. A variação na Ceagesp – São Paulo foi significativa, aumento de 48,3% em relação à média de agosto. Nas demais, a variação positiva foi, de certa forma, pequena, como na Ceasa do Rio de Janeiro/RJ (+12,8%) e na Ceasa que abastece Florianópolis, localizada em São José/SC (+4,9%). Os preços subiram também na Vitória/ES, cujo percentual foi de 4,8%, em Curitiba/PR o aumento foi de 9,3% e em Campinas/SP com alta de 6,3%. Preço em queda foi verificado na Ceasaminas – Belo Horizonte (-6,1%), na Ceasa/PE – Recife (-9,3%) e na Ceasa/CE – Fortaleza (-4,4%).

No que se refere à comercialização nas Ceasas analisadas, observou-se uma redução de apenas 4,0% em relação a agosto. Destaca-se, nesse contexto, a retração de 10,0% na oferta de alface na Ceagesp, em São Paulo, fator determinante para a expressiva alta de preços registrada na capital paulista.

Como referência, em junho, o preço da alface na Ceagesp também apresentou elevação significativa, de 22,4% em relação a maio, período em que a oferta se encontrava em patamares bastante semelhantes aos observados em setembro. Entretanto, a menor pressão da demanda sobre os preços, possivelmente associada às temperaturas mais amenas registradas em junho, em comparação com setembro, pode ter contribuído para moderar a intensidade da alta naquele mês.

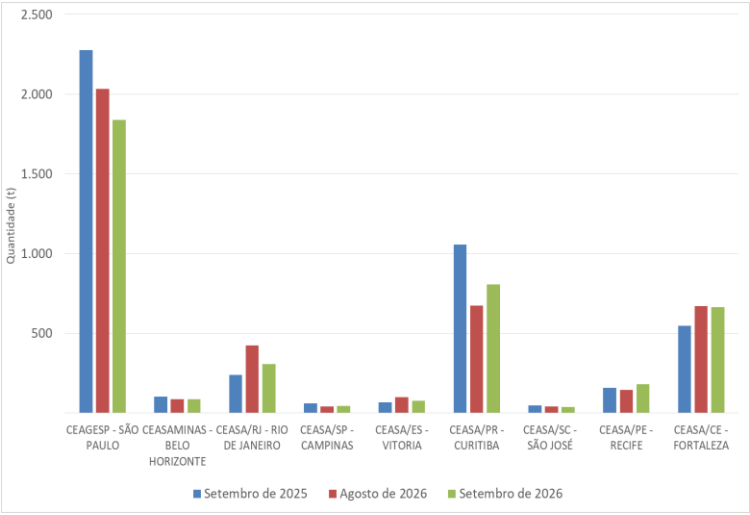
Cabe ressaltar, ainda, que a elevação dos preços no mercado atacadista refletiu diretamente a valorização do produto na etapa de produção. De acordo com dados do Cepea/Esalq, em Ibiúna (SP), importante região fornecedora de alface para a Ceagesp, os preços recebidos pelos produtores apresentaram aumentos expressivos. A alface crespa registrou alta de 49,6%, enquanto a americana valorizou-se 46,9%. Em Mogi das Cruzes (SP), o movimento foi semelhante, com elevação de 45,3% para a alface crespa e de 37,7% para a americana.

Gráfico 2 — Preços médios (R$/Kg) da alface nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 3 — Quantidade de alface comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre setembro de 2025, agosto de 2026 e setembro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 1 — Quantidade ofertada de alface para as Ceasas por unidade de federação em setembro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SP	1.874.174
PR	805.802
CE	663.000
RJ	318.113
PE	179.969
MG	92.076
ES	78.889
SC	35.248
AC	766
Soma	**4.048.037**

Microrregião	Quantidade Kg
Piedade-SP	1.447.704
Curitiba-PR	765.873
Ibiapaba-CE	543.300
Itapecerica da Serra-SP	239.421
Serrana-RJ	187.661
Vitória de Santo Antão-PE	173.730
Mogi das Cruzes-SP	113.728
Nova Friburgo-RJ	111.312
Baturité-CE	73.460
Belo Horizonte-MG	63.090
Santa Teresa-ES	59.156
Rio Negro-PR	34.542
Guarulhos-SP	32.453
Florianópolis-SC	20.519
Afonso Cláudio-ES	19.733
Campinas-SP	17.491
Três Rios-RJ	15.120
Amparo-SP	15.030
Baixo Jaguaribe-CE	14.800
Barbacena-MG	11.431

Fonte: Conab/Ceasas

Na primeira quinzena de outubro, a tendência permanece a mesma observada em setembro: de valorização. As chuvas registradas nas principais regiões produtoras da região Sudeste vêm afetando o ritmo de colheita, dificultando os plantios e comprometendo a produção, o que tem contribuído para sustentar os preços em patamares elevados.

Na Ceagesp – São Paulo o aumento de preço em outubro em relação à média de setembro é de 13,2%, na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro a alta é de 40,0% e na Ceasaminas – Belo Horizonte o incremento é de 23,0%. No Nordeste, o movimento em outubro foi inverso na Ceasa/PE – Recife, a queda de preço foi de 26,0%. Em outras Ceasas da região o preço encontra-se estável.

BATATA

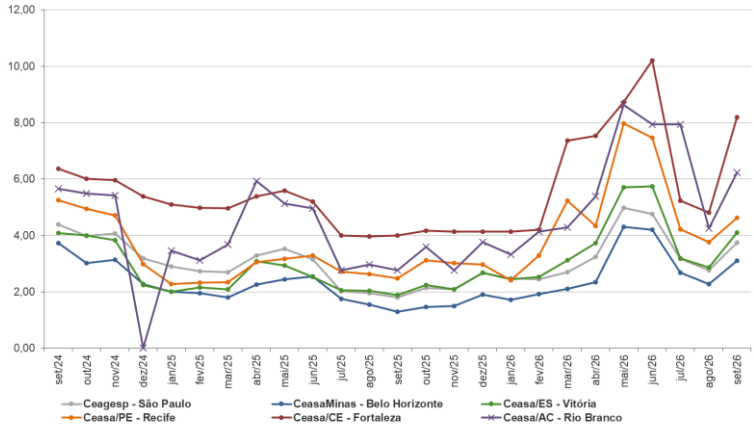
Reversão do movimento de baixa nos preços da batata em setembro. Após dois meses consecutivos de recuo nos preços, registrou-se inversão dessa tendência em setembro. Em julho, a média ponderada dos preços entre as Ceasas analisadas apresentou expressiva desvalorização de 37,3%, seguida por novo recuo de 11,5% em agosto. Em setembro, observou-se recuperação significativa, com alta de 32,9% na média ponderada. O aumento foi verificado em todas as Ceasas analisadas, exceto na Ceasa/SC – São José (-28,3%). Destaca-se que em quase todos os mercados pesquisados, observou-se aumentos expressivos nos preços.

O maior percentual de alta foi registrado na Ceasa/CE – Fortaleza (+70,5%), seguida pelo aumento na Ceasa/PR – Curitiba (+62,3%). Nota-se em setembro que em todas as Ceasas os aumentos foram significativos, sendo o menor na Ceasa localizada em Campinas/SP (+22,1%).

Na comparação anual, em setembro de 2026, os preços nominais mantiveram-se expressivamente acima dos observados em setembro de 2025. O preço médio ponderado registrou variação positiva de 123,9% em relação ao mesmo mês do ano anterior. É importante ressaltar que esse diferencial anual elevado foi observado em função de uma oferta abundante naquele período, sendo setembro de 2025 caracterizado pelos menores níveis de preço do ano. A oferta de setembro de 2025 nas Ceasas analisadas foi uma das maiores do ano, só sendo ultrapassada pela de julho, cujo total foi maior em apenas 4%.

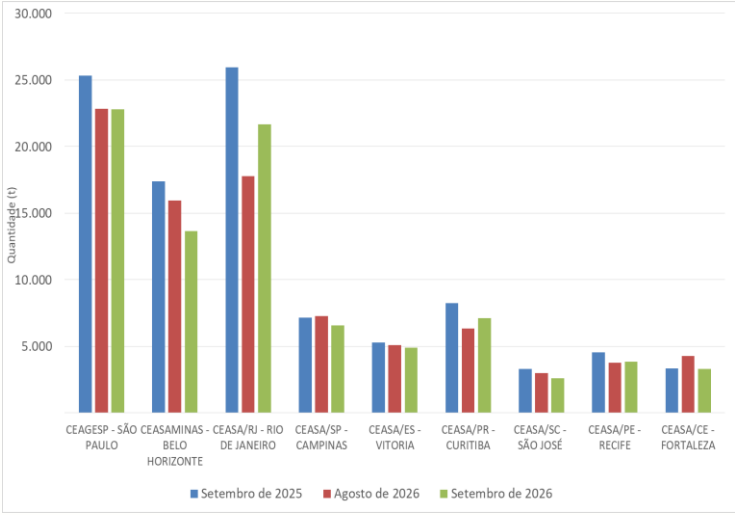
Em relação à oferta nas Ceasas em setembro de 2026, não foi observada variação em relação a agosto, permanecendo em baixos patamares, o que pode explicar a alta sensível dos preços. A diminuição do ritmo de colheita em decorrência do aumento gradativo das chuvas em setembro explicou esse cenário. O mercado foi abastecido primordialmente pela safra de inverno ,cujas maiores representatividades na comercialização são os estados de São Paulo (42% do total), Minas Gerais (36%), Goiás (13%), Bahia (7%) e, com a mais baixa participação do ano, Paraná (2%).

Gráfico 4— Preços médios (R$/Kg) da batata nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 5 — Quantidade de batata comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre setembro de 2025, agosto de 2026 e setembro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 2 — Quantidade ofertada de batata para as Ceasas por unidade de federação, setembro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SP	34.749.596
MG	33.681.223
GO	10.005.200
BA	6.016.600
PR	1.244.505
SC	596.400
ES	85.000
RS	72.375
PE	21.860
RN	18.000
RJ	14.250
PB	11.260
RO	3.750
Soma	**86.520.019**

Microrregião	Quantidade Kg
São João da Boa Vista-SP	17.034.954
Araxá-MG	11.063.900
Entorno de Brasília-GO	6.528.550
Seabra-BA	5.884.600
Mogi Mirim-SP	5.284.575
Pouso Alegre-MG	5.185.925
Avaré-SP	3.445.700
Uberlândia-MG	3.141.130
Itapeva-SP	2.918.575
Belo Horizonte-MG	2.747.926
Poços de Caldas-MG	2.359.850
Formiga-MG	2.134.900
Pirassununga-SP	1.868.700
Goiânia-GO	1.339.250
Santa Rita do Sapucaí-MG	1.282.400
Patos de Minas-MG	1.251.725
Patrocínio-MG	1.207.350
São Paulo-SP	1.185.877
Itapetininga-SP	1.170.900
Uberaba-MG	913.975

Fonte: Conab/Ceasas

Em termos de microrregião, destaque em São Paulo para São João da Boa Vista, Mogi Mirim, Avaré e Itapeva. Em Minas Gerais, de Araxá, Uberlândia e Poços de Caldas advém os maiores quantitativos. Em Goiás, microrregião Entorno de Goiás e na Bahia, microrregião Seabra, se destacam. O estado do Paraná se tornará o principal abastecedor do mercado nacional somente em dezembro/janeiro. Atualmente a safra das águas 2026/27 se encontra em plantio. Segundo a Divisão de Conjuntura Agropecuária do DERAL/ SEAB-PR o plantio da nova safra encontra-se atrasada. Somente 67% da área prevista para essa safra, foi plantada, enquanto em anos anteriores, média dos últimos dez anos, esse percentual deveria estar em 83%. Chuvas intensas e contínuas têm provocado esse quadro.

Segundo essa instituição, o total da safra deve atingir 539,6 mil toneladas, inferior em 5% à safra anterior (2025/26). Como existe previsão de chuvas até o final do ano e início do próximo nas áreas produtoras do Paraná e de todo o sul do País, é provável que esse percentual negativo ainda aumente. É preciso ressaltar que com o atraso dos plantios e o consequente maior espaçamento da colheita pode ocorrer períodos de oferta insuficiente para segurar os preços.

Em outubro, não foi observada uma definição em relação ao cenário da comercialização. Oferta no Sudeste continua em ritmo lento, em função das constantes chuvas. Dessa forma, na Ceagesp – São Paulo ocorreu estabilidade de preço (-0,5%) na média da primeira quinzena de outubro em relação à média de setembro. De modo diferente, na Ceasaminas – Belo Horizonte o aumento de preço é de 12%, enquanto na Ceasa do Rio de Janeiro/RJ houve queda de 7,7%. No Sul, na Ceasa/PR – Curitiba pequena diminuição de 2,4% e de maneira inversa alta de 9,0% na Ceasa/RS – Porto Alegre. Na região nordeste, queda de preço em quase todas as Ceasas, como na Ceasas localizada em Recife/PE e a de Salvador/BA, cujo percentual negativo é de 17,0%. Os preços nessa região podem estar sendo influenciados pela oferta local, mais precisamente da Bahia.

.

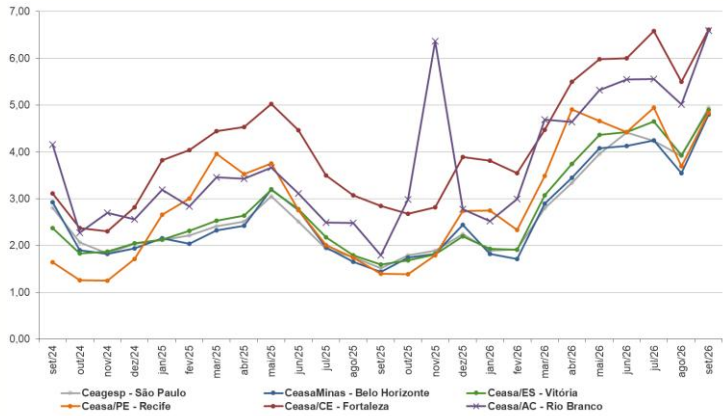
CEBOLA

Com queda pontual em agosto, o preço da cebola voltou a subir em setembro. Após longo período em alta, iniciada em março desse ano, em agosto o preço recuou 13,8% na média ponderada dentre as Ceasas analisadas, para voltar a avançar 29,3% em setembro. Os aumentos variaram entre 20,3% na Ceasa/CE – Fortaleza e 48,5% na Ceasa/SP – Campinas. Em São Paulo, na Ceagesp da capital o preço subiu 26,7%. Na Ceasaminas – Belo Horizonte, a valorização foi de 35,4%. Na Ceasa/PE – Recife, o incremento da cotação foi de 31,0%. Diante da sequência de elevações, os preços alcançaram no mês em análise, os maiores patamares dos últimos dois anos. Na Ceagesp – São Paulo, por exemplo, a cebola foi comercializada em setembro desse ano por um preço superior a 157,2% do praticado no mesmo mês de 2025 e 39,6% acima do observado em setembro de 2024.

É preciso destacar que 2025 foi ano de recuperação da produção, colocando a oferta naquele ano em níveis suficientes para configurar um cenário de preços baixos. Assim, a comparação anual é influenciada tanto pelos níveis de preços atuais, como pelos baixos preços em 2025. Por outro lado, em 2024, após um primeiro semestre de preços em elevação, reflexo dos problemas climáticos observados na safra 2023/24, sob influência do fenômeno *El Niño*, os preços já haviam iniciado trajetória de queda em setembro. Apesar disso, as cotações ainda estavam elevadas e, por essa razão, a diferença entre setembro de 2026 com setembro de 2024 ainda é expressiva.

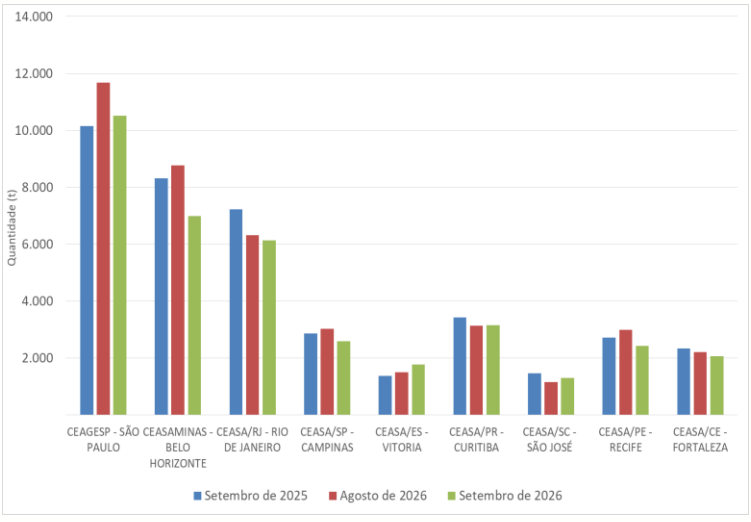
Em relação à oferta, o volume de cebola comercializado nas Ceasas selecionadas foi inferior ao registrado nos anos anteriores, com redução de 9,3% em comparação com setembro de 2025 e de 7,3% em relação a setembro de 2024. A menor disponibilidade do produto no mercado contribuiu diretamente para a elevação dos preços observada em setembro.

Gráfico 6 — Preços médios (R$/Kg) da cebola nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 7 — Quantidade de cebola comercializada nos entrepostos no comparativo entre setembro de 2025, agosto de 2026 e setembro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 3 — Quantidade ofertada de cebola para as Ceasas por unidade de federação, setembro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
MG	8.987.220
SP	8.748.800
GO	7.249.580
SC	4.356.960
BA	3.465.359
PE	2.182.440
PR	934.060
IMP	329.500
RN	222.000
RS	159.720
RJ	134.600
PB	69.000
CE	54.400
MA	52.000
SE	40.000
RO	4.200
ES	1.600
Soma	**36.991.439**

Microrregião	Quantidade Kg
Entorno de Brasília-GO	3.962.820
Araxá-MG	3.716.440
São João da Boa Vista-SP	3.386.560
Ituporanga-SC	3.146.990
Jaboticabal-SP	2.588.120
Petrolina-PE	2.091.240
Irecê-BA	1.655.460
Juazeiro-BA	1.584.700
Patos de Minas-MG	1.552.240
Uberlândia-MG	1.520.990
Goiânia-GO	1.290.200
Piedade-SP	1.289.940
Porangatu-GO	994.100
Catalão-GO	962.460
Joaçaba-SC	701.000
Paracatu-MG	575.860
Batatais-SP	575.300
Curitiba-PR	507.760
Uberaba-MG	483.300
Tabuleiro-SC	403.630

Fonte: Conab/Ceasas

Esse movimento ocorreu mesmo diante da diversificação das regiões fornecedoras, que, ao favorecer a redução dos custos logísticos, tende a exercer pressão de baixa sobre as cotações. Em setembro, o abastecimento de cebola nas Ceasas analisadas apresentou distribuição entre diferentes estados. Minas Gerais e São Paulo responderam, cada um, por 23% do volume comercializado, seguidos por Goiás, com 20%. Bahia e Pernambuco, em conjunto, representaram 15% do total, enquanto Santa Catarina participou com 13% e o Paraná, com 3%. O volume restante teve origem em outros estados, como Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul. Em uma análise mais detalhada da distribuição geográfica do abastecimento, destacam-se as microrregiões de Entorno de Brasília (GO), Araxá (MG), Ituporanga (SC), São João da Boa Vista (SP), Jaboticabal (SP), Petrolina (PE), Irecê (BA), Patos de Minas (MG) e Juazeiro (BA), que compõem parte importante da rede de fornecimento de cebola às Ceasas analisadas.

Essa configuração das origens da cebola no país começa a se alterar no final do ano. A partir de dezembro, o abastecimento torna-se mais concentrado na região Sul, com destaque para Santa Catarina, principal estado fornecedor, e para o Rio Grande do Sul, que amplia sua participação no mercado. Nos cinco primeiros meses do ano, de janeiro a maio, nos últimos seis anos, o Sul tem representatividade de cerca de 70% no total comercializado nas Ceasas. Nessa região os índices pluviométricos estão acima da média histórica e os fenômenos associados ao El Niño tem favorecido chuvas intensas e frequentes. Em Santa Catarina, segundo a Epagri/Cepa – SC, as previsões da safra 2026/27, que como mencionado, comandará o abastecimento a partir de dezembro, são de diminuição no total. De 630.028 toneladas produzido em 2025/26, ela alcançará na safra 2026/27, 497.897 toneladas, portanto, queda expressiva de 21%.

Na primeira quinzena de outubro, a tendência permanece a mesma de setembro: valorização na maioria das Ceasas. Chuvas frequentes nas áreas produtoras do Sudeste e Sul vêm dificultando a colheita, com reflexo nas quantidades ofertadas. Na Ceagesp – São Paulo, a média do preço em outubro está 18% acima da média de setembro. Na Ceasaminas – Belo horizonte a alta é de 19% e na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro o preço subiu 11%. A variação positiva das cotações na Ceasa/PR – Curitiba chega a 14%. No Nordeste, na Ceasa/PE – Recife e na Ceasa/BA – Salvador o incremento de preço é de 18%. No Centro Oeste, na Ceasa/DF – Brasília esse aumento é menor, de 7%.

CENOURA

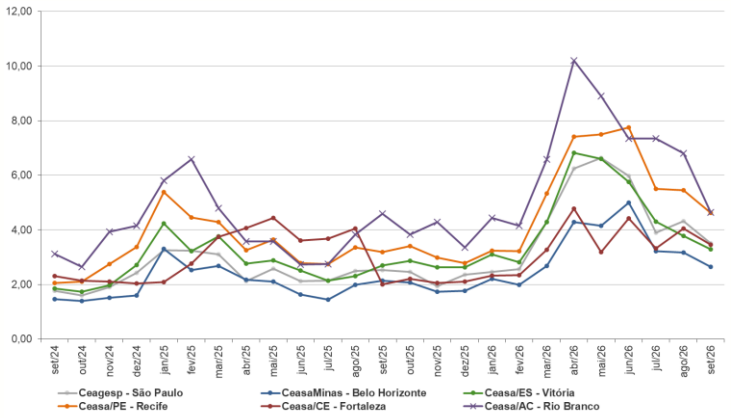
Em setembro, a tendência de desvalorização das cotações foi marcante. Em todas as Ceasas houve retração dos preços. Após a redução observada em julho e a estabilidade registrada em agosto, o mês em análise voltou a apresentar queda no preço médio ponderado, recuo de 16,0%. A variação negativa oscilou entre 4,0% na Ceasa/SC – São José e 31,8% na Ceasa de Rio Branco/AC.

As variações negativas de preço foram, de certa maneira, expressivas. Na Ceagesp – São Paulo o preço decresceu 18,9%, na Ceasaminas – Belo Horizonte houve queda de 16,8% e na Ceasa/SP – Campinas declínio foi de 14,4%. No Nordeste, a queda de preço da cenoura foi 15,2% na Ceasa/PE – Recife e de 14,8% na Ceasa/CE – Fortaleza. No Sul, em Curitiba/PR a queda foi de 19,1%.

A oferta de cenoura nas Ceasas analisadas pelo Boletim Hortigranjeiro apresentou retração de 3% em setembro, após registrar aumento de quase 5% em agosto. Apesar da redução no volume comercializado em setembro, o incremento observado no mês anterior contribuiu para manter a oferta em níveis suficientes para provocar a queda dos preços em todas as Ceasas analisadas. Em agosto, por sua vez, o recuo das cotações havia sido observado apenas em parte dos mercados. As chuvas nas regiões produtoras do Sul e do Sudeste contribuíram para limitar a expansão da oferta e, simultaneamente, prejudicaram a qualidade das raízes, favorecendo a pressão de baixa sobre os preços.

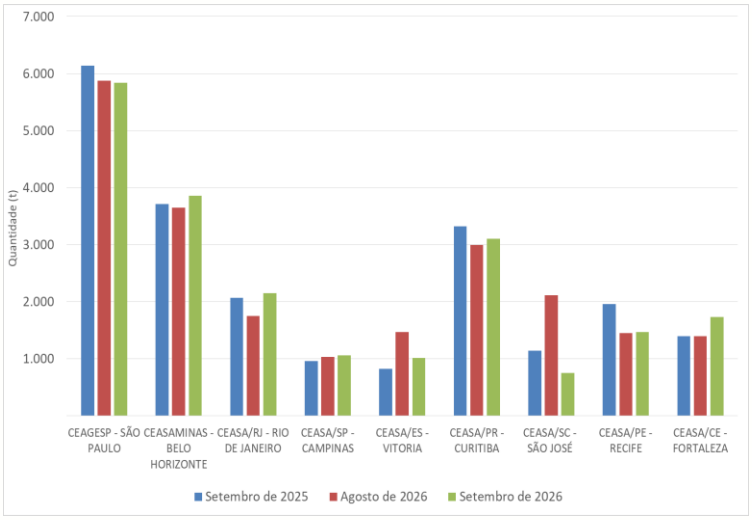
O comportamento da comercialização, entretanto, variou entre as Ceasas. Na Ceagesp, em São Paulo, o volume de cenoura comercializado recuou apenas 1% em relação a agosto, enquanto na Ceasa/SP – Campinas houve aumento de 3%. Na Ceasaminas – Belo Horizonte, a elevação foi de 6%, e na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro, de 23%. Na Ceasa/PR – Curitiba, as entradas do produto cresceram 4%. Expansões mais expressivas foram registradas na Ceasa/CE – Fortaleza, com alta de 24%, e na Ceasa/AC – Rio Branco, onde o aumento chegou a 133%. Em sentido contrário, as maiores retrações ocorreram na Ceasa/ES – Vitória, com queda de 31%, e na Ceasa/SC – São José, com redução de 64% em relação ao mês anterior.

Gráfico 08 — Preços médios (R$/Kg) da cenoura nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 09 — Quantidade de cenoura comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre setembro de 2025, agosto de 2026 e setembro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 4 — Quantidade ofertada de cenoura para as Ceasas por unidade de federação, setembro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
MG	8.184.275
SP	6.717.386
PR	2.878.580
BA	1.565.500
SC	498.634
RJ	412.780
GO	348.120
PE	146.424
ES	138.140
RS	83.600
CE	20.200
PB	14.400
IMP	2.460
Soma	**21.010.499**

Microrregião	Quantidade Kg
Piedade-SP	4.730.940
Patos de Minas-MG	4.440.752
Curitiba-PR	2.329.910
Araxá-MG	1.426.758
Irecê-BA	1.245.500
São João da Boa Vista-SP	1.162.352
Barbacena-MG	1.139.360
Itapecerica da Serra-SP	612.033
Rio Negro-PR	533.870
Uberaba-MG	480.884
Serrana-RJ	402.900
Entorno de Brasília-GO	318.120
Santa Rita do Sapucaí-MG	279.340
Florianópolis-SC	274.614
Juazeiro-BA	207.000
Pouso Alegre-MG	166.680
Belo Horizonte-MG	157.416
Santa Teresa-ES	135.440
São Paulo-SP	118.893
Seabra-BA	113.000

Fonte: Conab/Ceasas

Na primeira quinzena de outubro, os preços seguem a mesma trajetória observada em setembro: de desvalorização das cotações. As chuvas nas áreas produtoras do Sudeste e Sul tendem a aumentar, o que pode mudar o cenário atual. Em São Paulo, no entreposto da capital, o preço apresentou desvalorização de 16% e em Campinas/SP de 14%, em relação à média de setembro. Na Ceasaminas – Belo Horizonte a desvalorização foi de 20%, o mesmo que na Ceasa/DF – Brasília e na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro.

No Sul, o movimento decrescente também foi observado na Ceasa/PR – Curitiba (-11%). No Nordeste, o cenário foi semelhante, com retração de 13% nas cotações da Ceasa/PE – Recife e de 12% na Ceasa/BA – Salvador.

TOMATE

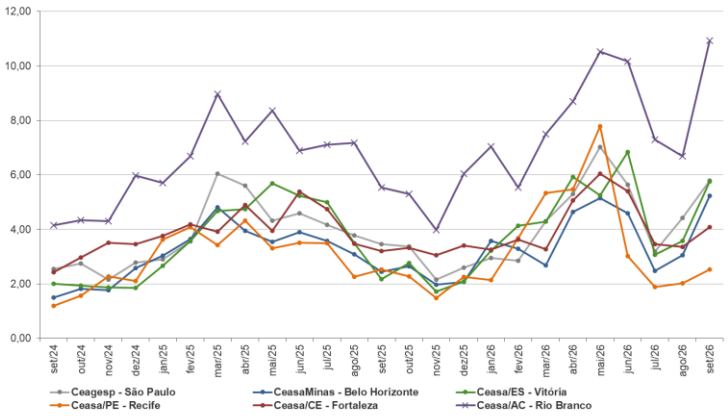
BOLETIM Hortigranjeiro

Nova valorização nos preços em setembro na maioria das Ceasas. Durante 2026, o preço apresentou altas sucessivas até maio, quando atingiu o pico do ano, desvalorizações em junho e julho, para depois voltar a valorizar em agosto. Em agosto e setembro, as altas de preço foram significativas, de 18,1% e de 48,9%, respectivamente. Em setembro, o maior aumento observado foi na Ceasaminas – Belo Horizonte (+71,5%), seguido da Ceasa/AC – Rio Branco (+63,6%), Ceasa/ES – Vitória (+61,4%) e Ceasa/SP – Campinas (+52,7%). Na Ceagesp – São Paulo, houve valorização de 30,7%. Com menores percentuais, porém também com incrementos significativos, no Nordeste o preço subiu 24,3% na Ceasa/PE – Recife e 22,1% na Ceasa/CE – Fortaleza.

A comercialização nas Ceasas apresentou retração de 4% em relação a agosto, o que foi suficiente para impulsionar a alta dos preços. A Ceasaminas – Belo Horizonte apresentou queda de 11% na movimentação com tomate e na Ceasa/AC – Rio Branco o declínio foi de 45,0%, os maiores dentre as Ceasas. A exceção da queda na comercialização ficou por conta da Ceasa/SP – Campinas (+1,0%), da Ceasa/PR – Curitiba (+6,0%) e da Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (+13,0%). .

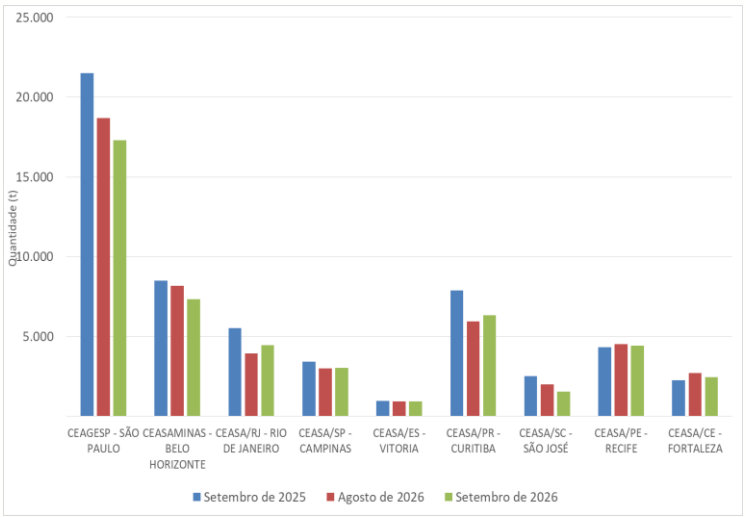
O mês de setembro foi marcado por chuvas intensas e frequentes nas áreas produtoras do Sudeste e do Sul. Esse cenário, além de influenciar na diminuição do ritmo de colheita, provocou maturação mais lenta do fruto e, consequentemente, menores quantidades para se enviar ao mercado. Agosto também se caracterizou por um mês de oferta em declínio nas Ceasas, 8% menos que em julho. Naquele mês, a menor disponibilidade de produtos pode ser explicada pela escassez de áreas com frutos prontos para comercialização e pelo esgotamento das lavouras que estavam em ponto de colheita, após julho ter atingido o pico anual de oferta. Esse aumento da disponibilidade em julho resultou em quedas significativas dos preços naquele mês em todas as regiões do País.

Gráfico 10 — Preços médios (R$/Kg) do tomate nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 11 — Quantidade de tomate comercializado no comparativo entre setembro de 2025, agosto de 2026 e setembro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 5 — Quantidade ofertada de tomate por unidade de federação, setembro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SP	13.279.298
MG	12.732.868
GO	6.994.316
PE	4.243.194
RJ	2.729.141
CE	2.272.325
ES	2.201.832
BA	1.673.014
PR	944.104
SC	536.315
PB	150.158
AL	29.430
TO	22.940
RS	18.247
RO	2.340
Soma	**47.829.522**

Microrregião	Quantidade Kg
Goiânia-GO	3.928.836
Oliveira-MG	3.425.939
Mogi Mirim-SP	3.297.844
Sete Lagoas-MG	2.273.692
Capão Bonito-SP	2.149.380
São Paulo-SP	1.934.979
Entorno de Brasília-GO	1.901.758
Vale do Ipojuca-PE	1.817.499
Ibiapaba-CE	1.767.150
Brejo Pernambucano-PE	1.632.403
Vassouras-RJ	1.518.703
Seabra-BA	1.221.690
Osasco-SP	1.048.392
Caratinga-MG	972.670
Uberlândia-MG	858.430
Piedade-SP	813.313
Afonso Cláudio-ES	786.575
Catalão-GO	779.620
Patos de Minas-MG	683.530
Pirassununga-SP	678.474

Fonte: Conab/Ceasas

Como é característico do tomate, o abastecimento em setembro foi pulverizado, com vários estados, microrregiões e municípios ofertantes. São Paulo participou com 28% da comercialização total, Minas Gerais com 26%, Goiás com 15%, Pernambuco com 9%, Rio de Janeiro com 7%, Ceará com 5%, Espírito Santo e Bahia com 3% cada. A oferta é complementada ainda pelo produto originário de vários estados, como, o Paraná, Santa Catarina, Paraíba, Alagoas e Tocantis.

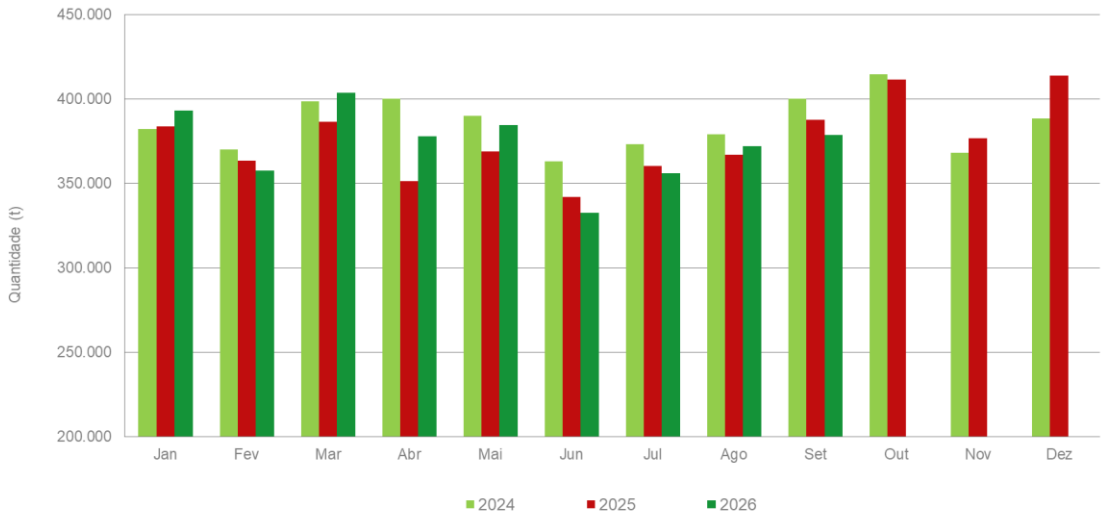
É importante ressaltar que, no final deste ano e no início de 2027, a atuação de um forte El Niño poderá provocar condições climáticas distintas entre as regiões produtoras. Esse quadro deverá afetar o ritmo de colheita e a produção, elevando também os custos operacionais e as perdas no campo. A oferta poderá ser insuficiente para segurar os preços, delineando um período ascendente, colocando os preços em patamares ainda mais elevados.

Na primeira quinzena de outubro o que se assiste é a continuação da alta de preço verificada em setembro. Na Ceagesp – São Paulo o aumento foi de 10%, na Ceasa/PR – Curitiba foi de 23%, na Ceasa/BA – Salvador foi de 36%, na Ceasa/TO – Palmas o incremento foi de 44% e, por fim, no Centro Oeste, na Ceasa/DF – Brasília a alta de preço em outubro foi de 44%. Portanto, verifica-se até agora em outubro o mesmo cenário de preço de setembro, alta generalizada do tomate em todo o País.

No mês de setembro de 2026, o segmento das frutas comercializadas nas Ceasas analisadas apresentou queda de 1,7% em relação ao mês anterior, queda de 2,3% em relação ao mesmo mês de 2025 e elevação de 1,4% em face aos primeiros três trimestres de 2025. Em relação a setembro de 2024, ocorreu queda de 5,4%. A elevação da comercialização total em relação ao mês anterior se deveu, principalmente, ao aumento do fornecimento de banana, laranja e manga. Em relação ao mês anterior, ocorreu alta da comercialização de banana, no valor de 22% (impacto da Ceasa/RJ no cálculo da média).

No mercado do mamão, foi registrado aumento de 3%, principalmente por causa do maior volume de papaya comercializado. No mercado de maçã, em decorrência do consumo dos estoques, ocorreu queda de 6% na oferta. A laranja representou, em volume, 16% de todas as frutas comercializadas nas Ceasas no mês (não só as cinco principais analisadas nesse boletim), tendo a comercialização aumentado 5% e, face ao mês anterior. Já no mercado de melancia ocorreu queda de 8%, por causa da diminuição da colheita em regiões fora de Goiás.

Gráfico 12 — Quantidade de frutas comercializadas nas Ceasas em 2024, 2025 e 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

BANANA

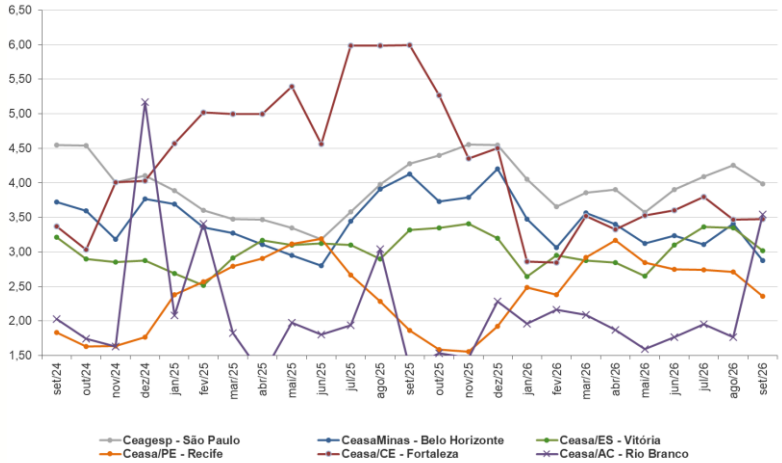
Em setembro, para o mercado da banana, as cotações caíram 2,63% na média ponderada, embora tenha subido na Ceasa/AC – Rio Branco (100,5%). Destaque para as quedas na CeasaMinas – Belo Horizonte (-15,73%), Ceasa/ES – Vitória (-10,01%) e Ceasa/PE – Recife (-13,16%). Já a quantidade comercializada subiu 22% na média nas centrais de abastecimento, principalmente por causa do impacto da elevação na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (130%), com o pico de oferta da safra local. Outros destaques de elevação foram a CeasaMinas – Belo Horizonte (6%) e Ceasa/PR – Curitiba (12%).

No mês de setembro, o mercado brasileiro de banana apresentou comportamento distinto entre as variedades prata e nanica, com preços influenciados pela oferta regional, demanda estagnada, condições climáticas e de produção diferentes entre as regiões que afetaram os fluxos de comercialização.

Para a variedade nanica, setembro iniciou com pressão sobre os preços, com desvalorizações em algumas praças. No norte de Santa Catarina, região também voltada à exportação, as cotações recuaram em razão da menor demanda, da qualidade inferior dos frutos, decorrente da elevada umidade, e da concorrência com a produção de outras regiões. No Vale do Ribeira, embora a oferta tenha diminuído gradualmente, a demanda limitada e os danos pontuais provocados pelos ventos nos bananais, que comprometeram a qualidade das frutas, impediram avanços mais expressivos nos preços.

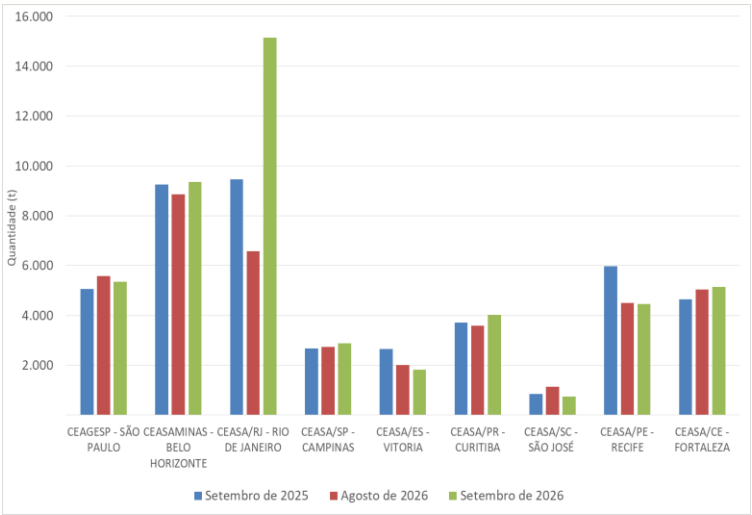
No entanto, no final do mês, as chuvas intensas e as enchentes que atingiram áreas do Vale do Ribeira comprometeram a produção local e contribuíram para o redirecionamento da demanda para Santa Catarina, favorecendo a elevação das cotações nessa região. Na Bahia e em Minas Gerais, por sua vez, predominou uma leve tendência de alta nos preços da variedade ao longo da maior parte do mês.

Gráfico 13 — Preços médios (R$/Kg) da banana nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 14 — Quantidade de banana comercializada no comparativo entre setembro de 2025, agosto de 2026 e setembro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 6 — Quantidade ofertada de banana para as Ceasas por unidade de federação, setembro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
MG	19.256.487
CE	6.258.173
SP	4.548.307
ES	4.372.115
PE	4.334.920
SC	3.146.290
RJ	3.043.505
BA	1.958.025
PR	1.157.622
RN	679.780
AC	558.455
GO	92.400
PB	57.706
MS	54.000
RO	14.780
AM	7.200
AL	738
Soma	**49.540.503**

Microrregião	Quantidade Kg
Janaúba-MG	9.859.411
Baixo Jaguaribe-CE	3.613.113
Registro-SP	3.215.216
Mata Setentrional Pernambucana-PE	3.015.085
Belo Horizonte-MG	2.703.400
Vassouras-RJ	2.566.600
Baturité-CE	2.333.750
Joinville-SC	1.629.268
Linhares-ES	1.491.215
Itabira-MG	1.436.540
Paranaguá-PR	1.039.180
Araçuaí-MG	977.155
Januária-MG	952.461
Blumenau-SC	824.550
Médio Capibaribe-PE	810.503
Porto Seguro-BA	767.289
Afonso Cláudio-ES	731.275
Guarapari-ES	725.940
Vale do Açu-RN	671.680
Curvelo-MG	651.028

Fonte: Conab/Ceasas

Em relação ao mercado da banana prata, a oferta cresceu na maior parte das regiões produtoras: em praças catarinenses, pernambucanas, baianas, capixabas e mineiras, limitando as cotações. Inclusive, a boa produção no norte mineiro (Janaúba e Januária), principal região fornecedora de banana prata às Ceasas, impactou na queda das cotações na CeasaMinas da região metropolitana mineira. No oeste baiano, produtores encaram, há alguns meses, baixa rentabilidade, fruto de preços baixos e custos elevados, principalmente com energia, transporte e agrotóxicos. Inclusive, produtores têm buscado o apoio do governo federal para mitigar os impactos dos problemas.

Visando clarear o panorama apresentado acima e levando em consideração o fornecimento da fruta pelos estados, o mês de setembro foi marcado pela queda da oferta oriunda São Paulo (-6,24%) e Santa Catarina (-5,94%), além de elevação em Pernambuco (1,26%), Ceará (13,73%), Espírito Santo (25,7%), Bahia (33,2%), Rio de Janeiro (516,8%) e Minas Gerais (33,08%). No RJ, o aumento foi devido à maior colheita da banana prata, devido ao pico da safra local (concentrada em municípios como Mangaratiba, Trajano de Moraes, Silva Jardim, Piraí e outros). E setembro, que costuma ser um mês com oferta acima da média no estado em questão, no ano corrente teve a produção favorecida por boas concisões climáticas.

Em relação à primeira quinzena do mês de outubro, os preços apresentaram tendência de baixa na maior parte das Ceasas, tanto para o mercado de banana nanica quanto de banana prata, o que deve persistir com o aumento leve da produção em várias regiões produtoras. Em relação à influência do *El Ninõ* sobre a cultura da banana no Brasil, o prognóstico dependerá da combinação entre chuvas irregulares, temperaturas elevadas e o estresse hídrico das plantas (bananeiras consomem bastante água), que poderá afetar o pagamento, a qualidade e a produtividade dos bananais. Saliente-se que não há uniformidade de previsão entre regiões produtoras e dentro de uma região produtora, mas no norte mineiro, por exemplo, o risco maior é de estresse hídrico. Já nas praças catarinenses, chuvas excessivas podem provocar o aparecimento de doenças fúngicas.

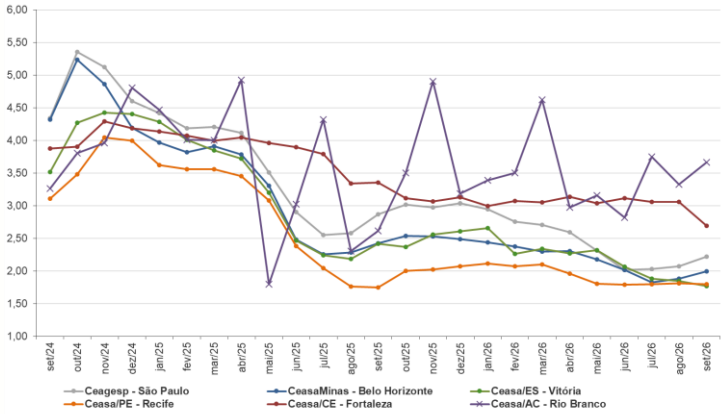
LARANJA

O mercado de laranja, em setembro, apresentou pequenas oscilações de preços na maioria das Ceasas, com a média ponderada de 3,28% por conta do maior peso no cálculo dos entrepostos mineiro, carioca e paulistano. Destaque para a elevação na Ceasa/AC – Rio Branco (10,16%), CeasaMinas – Belo Horizonte (6%) e Ceagesp – São Paulo (6,81%), além de queda na Ceasa/CE – Fortaleza (-11,92%). Quanto à comercialização, a análise dos dados mostrou oscilação entre as Ceasas, com aumento de 5% na média, destaque para as elevações na Ceasa/SP – Campinas (10%), Ceasa/PR – Curitiba (34%) e Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (50%).

Esse resultado decorreu do fato de que a indústria, responsável pelo consumo de cerca de 90% da produção da fruta, não acelerou a moagem, devido sua avaliação diante da menor demanda externa por suco de laranja concentrado e congelado (FCOJ), especialmente por parte da União Europeia. Sendo assim, as indústrias operam praticamente com os contratos já firmados. As laranjas oferecidas ao setor atacadista e varejista, especialmente a pera e hamlin dotadas de qualidade, foram suficientes para atender a demanda, que não variou muito no período. Dessa forma, como os preços pagos à indústria estão baixos (em São Paulo e Minas Gerais a caixa de 40,8kg está com cotação próxima do preço mínimo de garantia do governo federal), a rentabilidade do produtor está cada vez menor, e esse com cada vez mais menos opções para a comercialização da fruta.

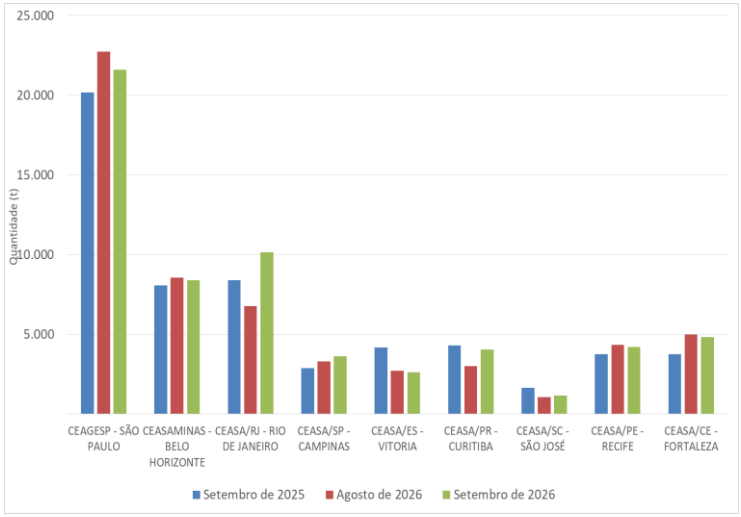
Em relação ao mês anterior, o fornecimento de frutas aos entrepostos atacadistas subiu 6,16% no cinturão citrícola (apesar da pequena queda em SP), ficou estável em Sergipe, caiu 8,47% na Bahia e subiu 18,18% no Rio de Janeiro. Ou seja, em setembro, com o pequeno aumento da colheita da safra originária do cinturão citrícola, principal região produtora do Brasil e do mundo, o mercado de laranja in natura, para o atacado e varejo, permaneceu próximo da estabilidade, com influência maior do aumento da oferta originária de Minas Gerais.

Gráfico 15: Preços médios (R$/Kg) da laranja nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 16 — Quantidade de laranja comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre setembro de 2025, agosto de 2026 e setembro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 7 — Quantidade ofertada de laranja para as Ceasas por unidade de federação, setembro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SP	37.919.171
MG	6.300.957
SE	6.136.330
BA	5.430.410
RJ	1.439.450
PR	1.374.927
IMP	960.360
RS	687.188
AL	192.508
SC	132.345
ES	56.620
GO	34.000
PE	22.210
PB	16.767
AC	10.000
CE	1.000
RO	400
Soma	**60.714.643**

Microrregião	Quantidade Kg
Limeira-SP	10.105.763
Boquim-SE	5.811.591
Jaboticabal-SP	4.704.147
Alagoinhas-BA	4.390.890
Mogi Mirim-SP	3.473.621
Jales-SP	2.955.663
Belo Horizonte-MG	2.596.900
Pirassununga-SP	2.573.996
Campinas-SP	2.318.483
São João da Boa Vista-SP	1.735.950
Fernandópolis-SP	1.643.609
São Paulo-SP	1.326.875
Araraquara-SP	1.132.220
Catanduva-SP	1.127.920
Rio de Janeiro-RJ	974.075
IMPORTADOS-IMPORTADOS	960.360
Itapeva-SP	759.200
Paranavaí-PR	657.020
Varginha-MG	648.550
Entre Rios-BA	588.000

Fonte: Conab/Ceasas

É necessário registrar que as chuvas registradas no cinturão citrícola devem favorecer tanto a safra atual de laranja, com bom enchimento dos frutos, aumento do volume produzido e o melhor pagamento das floradas, quanto o aumento da incidência de doenças, como pinta preta, estrelinha e antracnose, o que pode impactar na qualidade de diversas frutas e dificultar o trabalho no campo.

No que tange à primeira quinzena do mês de outubro, os preços permaneceram estáveis na maior parte das Ceasas, com algumas elevações pontuais. Com o andamento da safra 2026/27 no cinturão citrícola e a boa safra em outros estados, nos meses seguintes os preços deverão oscilar nas centrais de abastecimento, a depender da qualidade das frutas e do comportamento da demanda. Quanto ao impacto do *El Ninõ* sobre a safra no cinturão citrícola, há o risco claro à qualidade da atual safra e da próxima, por conta da alteração da distribuição de chuvas e temperaturas, que dependerá da intensidade do evento (previsto para oscilar de forte a muito forte) e da localização das anomalias climáticas. Ou seja, dependerá do início das chuvas e sua distribuição, pois pode afetar o pagamento dos frutos e o crescimento das laranjas. Chuvas regulares podem auxiliar no enchimento dos frutos, mas o calor pode aumentar o estresse da planta e a taxa de queda, além de comprometer o desenvolvimento das frutas, fazendo com que a demanda industrial fique, no mínimo, estagnada.

MAÇÃ

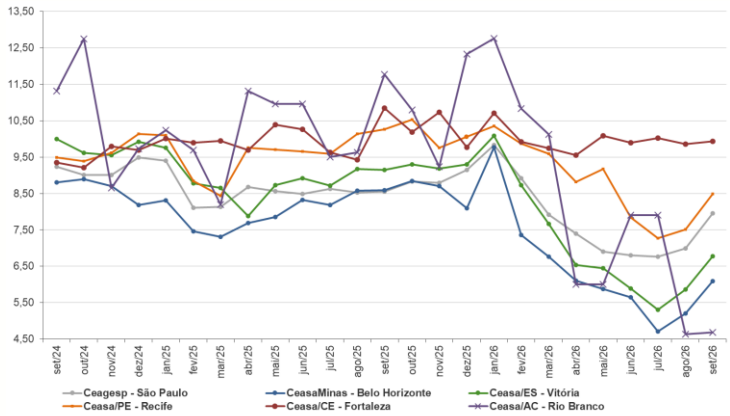
No mês de setembro ocorreram elevações de preços em quase todas as Ceasas analisadas (estabilidade foi apresentada no entreposto carioca e catarinense), com elevação na média ponderada em 11,99%; destaque para a alta na CeasaMinas – Belo Horizonte (16,82%), Ceasa/ES – Vitória (15,64%) e Ceagesp – São Paulo (13,84%). Quanto à oferta, ocorreram descensos na maioria das Ceasas, com destaque para as quedas na CeasaMinas – Belo Horizonte (-11%), Ceasa/ES – Vitória (-29%) e Ceasa/CE – Fortaleza (-24%).

Em setembro, com a aceleração do consumo dos estoques das câmaras frias (maiores em relação às safras anteriores) ocorreu alta das cotações nas Ceasas e queda da comercialização. Todavia os preços estão menores em relação ao ano anterior. No início do mês as cotações das frutas miúdas chegaram a cair, por causa da maior disponibilidade desse tipo de fruta e por conta da menor demanda, quando a maior parte dos consumidores ainda não tinha recebido seus rendimentos e por influência das menores temperaturas e de chuvas mais constantes no Centro-Sul do país.

No entanto, à medida que o mês passou, essa trajetória de preços mudou: os preços subiram para as maçãs miúdas em algumas Ceasas, acompanhando de forma menos inclinada a curva de preços das maçãs graúdas, que geralmente são mais caras em relação às miúdas (categoria 3). As maçãs miúdas são embaladas em packs de um quilo, são bastante consumidas na merenda escolar e, nessa temporada, esse mercado não teve grande margem para aumento de preços por causa da maior oferta e das condições mais competitivas das maçãs maiores.

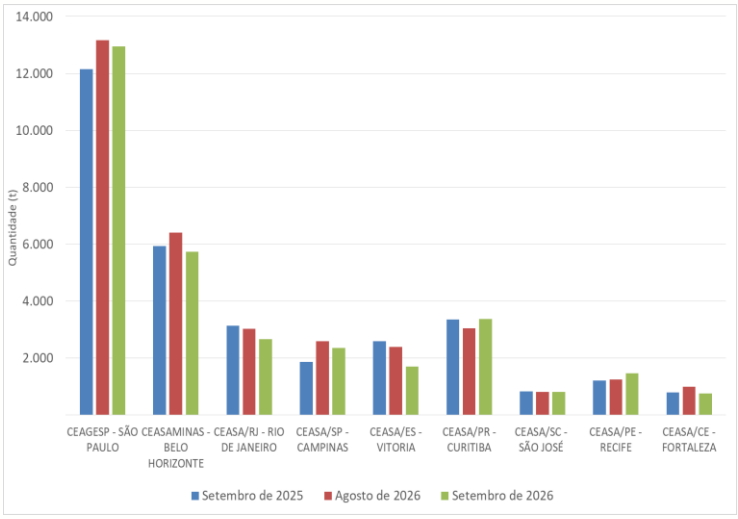
No entanto, as condições climáticas desfavoráveis (maçãs são mais consumidas quanto o tempo está mais frio) impediram maiores aumento do consumo e, por consequência, dos preços, tanto da maçã fuji e, principalmente, da gala de maior qualidade.

Gráfico 17 — Preços médios (R$/Kg) da maçã nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 18 — Quantidade de maçã comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre setembro de 2025, agosto de 2026 e setembro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 8 — Quantidade ofertada de maçã por unidade de federação, setembro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SC	15.406.929
RS	10.262.482
SP	3.213.940
IMP	1.924.146
PE	359.310
BA	235.420
RJ	149.820
PR	134.372
MG	132.642
DF	30.240
MS	16.030
CE	10.000
RN	5.000
ES	3.398
PB	1.000
Soma	**31.884.729**

Microrregião	Quantidade Kg
Campos de Lages-SC	7.733.189
Vacaria-RS	7.594.830
Joaçaba-SC	7.026.352
Caxias do Sul-RS	2.238.931
IMPORTADOS-IMPORTADOS	1.924.146
São Paulo-SP	1.712.093
Itapecerica da Serra-SP	687.852
São Miguel do Oeste-SC	479.726
Osasco-SP	415.984
Suape-PE	309.710
Juazeiro-BA	234.374
Porto Alegre-RS	229.536
Campinas-SP	191.730
Jundiaí-SP	180.173
Rio de Janeiro-RJ	149.820
Pouso Alegre-MG	129.240
Francisco Beltrão-PR	74.739
Passo Fundo-RS	71.475
Guaporé-RS	68.536
Ituporanga-SC	53.614

Fonte: Conab/Ceasas

Quanto à próxima safra, produtores estão preocupados com a presença de umidade excessiva, que aumentaria o risco incidência de doenças fúngicas e implicaria aumento dos gastos com fungicidas, cuja aplicação tem que ser feita no intervalo entre chuvas.

Deve ser registrado que, em relação às origens das maçãs comercializadas pelas Ceasas, houve queda em relação à maçã catarinense (-15,64%) e estabilidade quanto à oferta gaúcha. Além disso, outras praças tiveram menores contribuições (em SP o fornecimento subiu 1,74%). Quanto à próxima safra, como o bom acúmulo de horas-frio registrado em regiões catarinenses e gaúchas foi satisfatório, há grande possibilidade de bom desenvolvimento das plantas.

Em relação à primeira quinzena do mês de outubro os preços, na sua maior parte, permaneceram estáveis ou sem tendência definida entre os entrepostos atacadistas. Com as frutas completamente acondicionadas nas câmaras frias, a tendência é que os preços subam suavemente à medida que os estoques forem consumidos e os consumidores absorvam esses estoques.

O fenômeno *El Ninõ*, previsto para os próximos meses, será intenso. Tempestades, vendavais, granizo tem risco aumentado de ocorrência com o fenômeno, o que pode causar dano físico às plantações. Mas há também outro problema: se houver muitos dias nublados e úmidos, isso prejudicará a polinização das macieiras, feita por abelhas, que são insetos sensíveis às condições meteorológicas. Baixa atividade de abelhas significará menor produtividade dos pomares, o que afetará o volume da safra.

MAMÃO

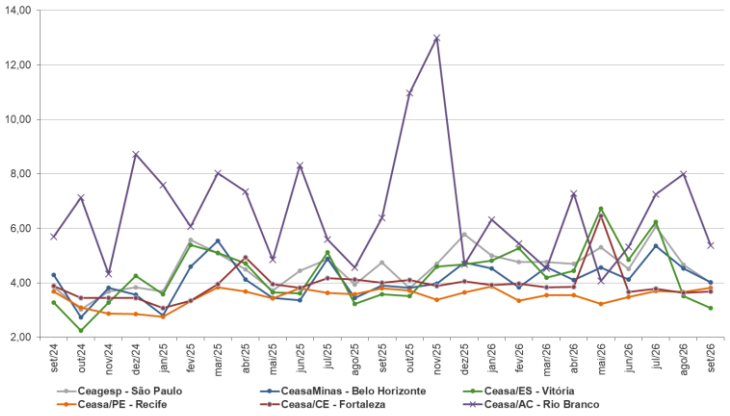
O mês de agosto apresentou queda de 10,9% na média ponderada dos preços, com destaque para o descenso na Ceagesp – São Paulo (-20,2%), Ceasa/ES – Vitória (-43,74%) e CeasaMinas – Belo Horizonte (-15,65%) e Ceasa/SC – São José (40,5%). Já a quantidade aumentou na maioria das centrais de abastecimento, com destaque para a CeasaMinas – Belo Horizonte (28%), Ceasa/SC – São José (29%) e Ceagesp – São Paulo (24%)

Em setembro as cotações caíram nos entrepostos atacadistas, com elevação da oferta do mamão papaya nas Ceasas, enquanto a variedade formosa permaneceu com oferta restrita. Essa dinâmica valeu tanto para as principais praças produtoras, o norte capixaba e o sul baiano, quanto para regiões do norte mineiro e oeste baiano (essa região, por sofrer com o forte calor e a falta de chuvas, as frutas foram acometidas por ácaros). A oferta potiguar, bastante voltada à exportação, também diminuiu em relação ao mês anterior.

O fim de agosto e início de setembro foram marcados pela oferta restrita, que resultou em aumento de preços para ambas as variedades, principalmente para o mamão formosa. Nem mesmo a baixa demanda nesse período foi capaz de provocar arrefecimento das cotações. No entanto, passado o primeiro decêndio do mês, com o aumento do calor (que favoreceu o amadurecimento), a oferta aumentou e a comercialização ficou mais lenta, notadamente para a variedade papaya.

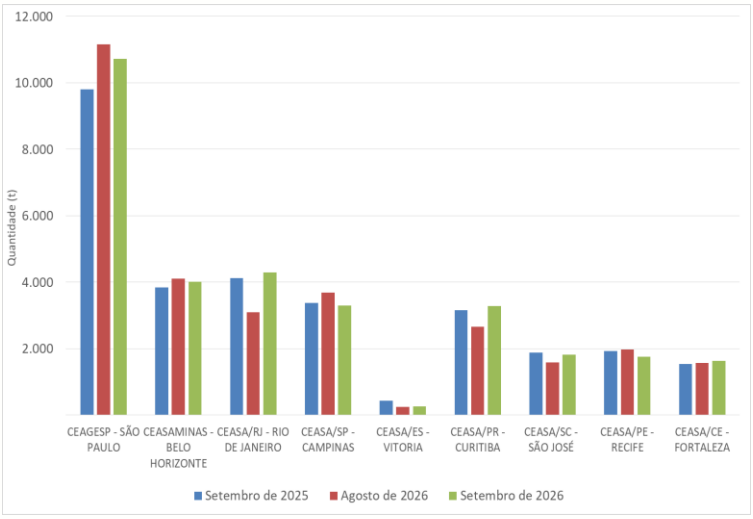
Junto ao aumento das temperaturas ocorreram chuvas nas principais regiões produtoras que, apesar de serem benéficas à maior produtividade dos mamoeiros (já que não encharcaram tanto o solo ao ponto de prejudicarem as plantas), também trouxeram o aumento da incidência de doenças fúngicas (pinta preta, entre outras, que leva ao apodrecimento precoce dos frutos), tornando necessário o maior uso de agrotóxicos para combater essas pragas.

Gráfico 19 — Preços médios (R$/Kg) do mamão nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 20 — Quantidade de mamão comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre setembro de 2025, agosto de 2026 e setembro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 9 — Quantidade ofertada de mamão por unidade de federação, setembro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
BA	14.029.398
ES	10.152.897
CE	1.780.756
MG	1.719.736
SP	1.281.694
RN	1.276.216
PE	432.182
PB	208.264
GO	128.300
SE	35.339
PR	31.630
SC	13.800
MS	12.300
AC	2.975
RO	540
Soma	**31.106.027**

Microrregião	Quantidade Kg
Porto Seguro-BA	10.991.679
Linhares-ES	5.230.769
Montanha-ES	2.769.007
São Mateus-ES	1.260.348
Barreiras-BA	978.256
Mossoró-RN	975.372
Pirapora-MG	761.842
Baixo Jaguaribe-CE	676.396
Nova Venécia-ES	656.878
Bom Jesus da Lapa-BA	636.497
Litoral de Aracati-CE	500.500
Jales-SP	467.793
Santa Maria da Vitória-BA	444.974
Ilhéus-Itabuna-BA	386.080
Paracatu-MG	359.330
São Paulo-SP	314.940
Petrolina-PE	294.796
Janaúba-MG	284.602
Fortaleza-CE	283.780
Jacobina-BA	274.530

Fonte: Conab/Ceasas

Assim, a queda mais intensa das cotações para essa variedade acabou por pressionar o mercado de mamão formosa, já que ambos os mamões possuem alto grau de substituição, freando um pouco os aumentos das cotações. Mesmo assim, para as frutas da variedade formosa de maior qualidade, os preços permaneceram elevados.

Quanto às principais regiões produtoras, ocorreu aumento dos envios feitos pela Bahia (8,38%), norte capixaba (4,4%), Ceará (12,6%), São Paulo (24,5%) e Pernambuco (23,9%), além de queda norte mineiro (-27,06%) e os mamões potiguares (-25,44%). Já em relação à primeira quinzena do mês de outubro, em meio a uma demanda estável, os preços subiram novamente para o mercado de mamão formosa e papaya na maior parte das Ceasas. Para ambas as variedades, a menor disponibilidade das frutas tem impactado na variação de preços em sentido de alta.

O prognóstico climático do INMET para o trimestre outubro-novembro-dezembro, período de tempo que engloba o pico de influência do fenômeno *El Ninõ*, mostra irregularidades no volume de chuvas e no calor que se abaterá sobre as diferentes regiões produtoras de mamão: no norte capixaba e no sul baiano, a probabilidade maior é de tempo mais firme e seco, com chuvas abaixo da média histórica, o que poderá implicar em aumento da produção e também o aumento da incidência de ácaros e viroses. Já no litoral potiguar e cearense, o clima deverá permanecer próximo das médias climatológicas, o que não exclui a possibilidade de temporais na região. Já no oeste baiano e norte mineiro, o calor também deverá ser a principal característica desse período, com médias menores para as precipitações.

MELANCIA

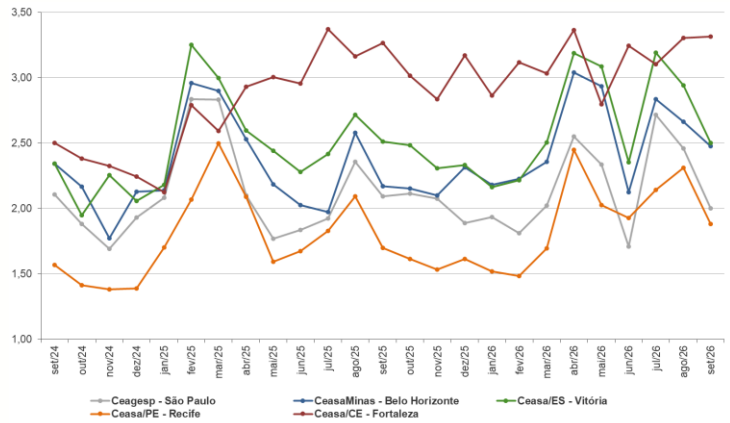
O movimento na maior parte das Ceasas foi de queda de preços, com descenso de -11,06% na média ponderada, à exemplo da variação negativa na Ceagesp – São Paulo (-19%), Ceasa/SP – Campinas (-24%) e Ceasa/SC – São José (-17%), além de elevação na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (25%). Já a oferta caiu em quase todos os entrepostos, com destaque para os descensos na Ceagesp – São Paulo (-20%), Ceasa/SP – Campinas (-22%) e Ceasa/AC – Rio Branco (-22%).

Na primeira quinzena do mês de setembro, cotações estáveis e em elevação foram registradas nos principais centros consumidores, em virtude da menor oferta às centrais de abastecimento e outros mercados que comercializam a fruta. Além disso, houve presença de demanda aquecida no início do mês, com o recebimento dos salários por parte dos consumidores. Embora estivesse previsto o aumento da produção em Goiás, esse fato não aconteceu por conta da maior incidência de chuvas em fins de agosto e início de setembro, que prejudicaram o desenvolvimento das frutas dessa região.

Enquanto isso, as regiões baianas e paulistas mantiveram menores envios às Ceasas por causa do período de entressafra. Assim como regiões pernambucanas, a produção tocantinense chegou na sua reta final, incrementando a escassez no período citado. Já na segunda quinzena do mês, com a melhora do tempo e a maior produção em Uruana/GO, juntamente com o fato dos consumidores ficaram descapitalizados com a chegada do fim do mês resultaram em queda de preços. No entanto, o aumento da oferta não foi suficiente para compensar a queda da comercialização ocorrida no início do mês e, assim, as quantidades registradas caíram na maior parte das centrais de abastecimento.

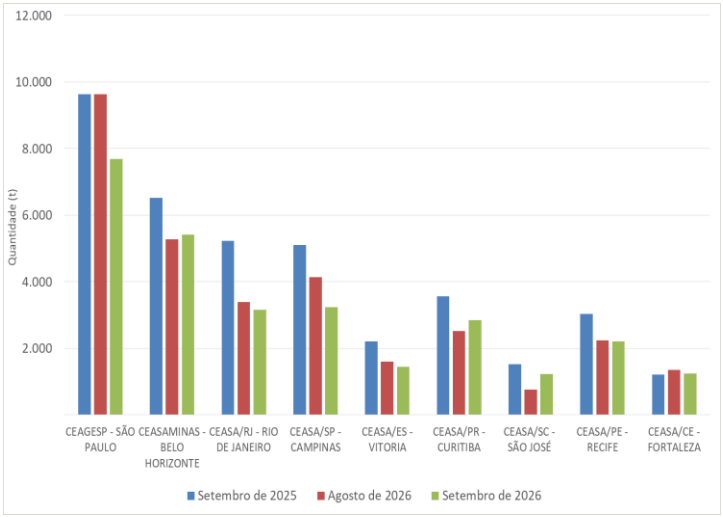
A comercialização total da fruta nos mercados analisados caiu 8% em relação ao mês anterior. O principal centro fornecedor de frutas para as Ceasas continuou sendo a microrregião de Ceres (GO), tendo Uruana como o principal município produtor. O fornecimento goiano às Ceasas durante o mês caiu 2,3%, fruto da queda da produção (chuvas em Goiás no início do mês) e do consumo.

Gráfico 21 — Preços médios (R$/Kg) da melancia nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 22 — Quantidade de melancia comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre setembro de 2025, agosto de 2026 e setembro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 10 — Quantidade ofertada de melancia por unidade de federação, em setembro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
GO	19.467.635
PE	2.262.320
SP	1.397.203
BA	1.388.340
TO	1.189.684
RN	1.019.718
CE	963.003
MG	610.600
AC	88.750
PI	60.664
SC	28.000
MT	22.000
AM	20.000
SE	20.000
ES	17.500
RJ	14.000
PB	4.000
PR	3.000
DF	2.639
RO	990
IMP	210
Soma	**28.580.256**

Microrregião	Quantidade Kg
Ceres-GO	13.220.902
Rio Vermelho-GO	5.721.843
Itaparica-PE	1.897.620
Gurupi-TO	905.424
Mossoró-RN	887.632
Araraquara-SP	735.712
Curvelo-MG	590.600
Porto Seguro-BA	573.480
Baixo Jaguaribe-CE	383.553
Litoral de Camocim e Acaraú-CE	355.000
Anápolis-GO	308.550
Petrolina-PE	280.700
Juazeiro-BA	256.360
Brumado-BA	187.000
Araguaína-TO	184.000
Goiânia-GO	144.330
Paulo Afonso-BA	142.000
Osasco-SP	139.932
São Paulo-SP	138.403
Baixo Curu-CE	135.000

Fonte: Conab/Ceasas

Já o estado tocantinense diminuiu em 56,7% seus envios aos entrepostos atacadistas, passado o pico da safra local. Para as outras regiões, ocorreram quedas nas praças pernambucanas (-2,05%), baianas (-14,47%) e paulistas (23,2%, com a passagem do pico da safrinha). Goiás ainda será o principal estado a fornecer melancia para as Ceasas e outros mercados em novembro. Já as regiões produtoras gaúchas e baianas continuaram em período de entressafra.

Por causa da possibilidade de extremos climáticos no fim do ano e início de 2027, produtores de diversas regiões estão adotando uma postura mais cautelosa. Em regiões em que a previsão é de falta de chuvas, investimentos em irrigação terão de ser feitos. No entanto, as margens poderão ficar mais apertadas. É necessário lembrar que, nessa cultura, a escassez de água reduz o crescimento, pegamento e tamanho da fruta. Já o excesso provoca doenças no solo, redução dos açúcares na fruta e provoca rachaduras na casca. Uma forma de minimizar os riscos, amplamente usada pelos produtores, é escalonar o plantio, que evita de concentrar a produção num único período.

Portanto, o impacto do fenômeno *El Ninõ* variará de região para região. A Região Sul enfrentará possivelmente excesso de chuvas e umidade no fim do ano, o que poderá prejudicar a floração, a produtividade e a qualidade (grau de doçura e doenças fúngicas) da safra gaúcha no início do ano. Já as regiões produtoras baianas podem conviver, em alguns locais do interior da Bahia e Pernambuco, com estiagem prolongada e elevadas temperaturas, assim como em Goiás, que estará em período de fim de safra e início da entressafra. Já no estado paulista, o risco de chuvas mais intensas e maior umidade pode causar problemas parecidos em relação às plantações sulistas.

Em relação à primeira quinzena do mês de outubro, os preços caíram na maioria das Ceasas, com a maior oferta goiana, com o aumento da demanda por causa da continuidade do calor na maior parte do Brasil e da oferta por causa da diminuição das chuvas nas zonas produtoras.

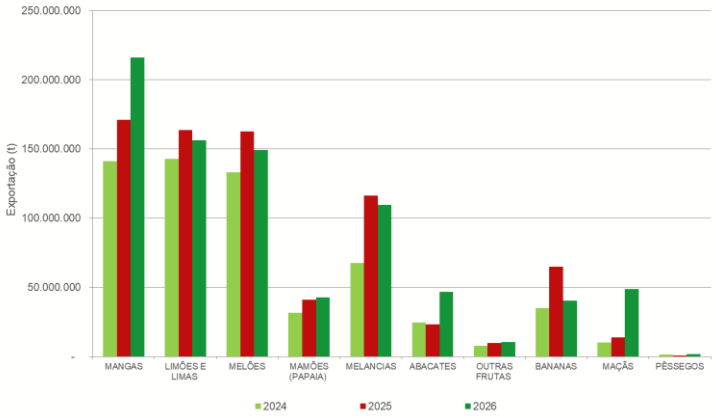
EXPORTAÇÃO DE FRUTAS E HORTALIÇAS

Nos primeiros nove meses de 2026, o volume total enviado ao exterior foi de 909 mil de toneladas, alta de 6,61% em relação ao mesmo período de 2025 e de 36,3% em face do mesmo período de 2024, e o faturamento foi de U$S 1,17 bilhões (FOB), superior 17,56% em relação ao mesmo período de 2025 e 36,2% em relação ao mesmo período de 2024. As vendas externas subiram no acumulado até setembro principalmente nos mercados de manga (26,4%, especialmente do Vale do São Francisco-BA/PE), abacates (100,5%), mamões, pêssegos (101%) e para as maçãs (255% - com o aumento da produção da fruta na safra atual), além de cair para o mercado de bananas (37,4%) e melancias (-5,6%).

Banana: No que tange às vendas externas, houve queda das exportações nos primeiros nove meses do ano em relação ao mesmo período de 2025, no percentual de 37,45%. Em relação ao mês anterior, a queda foi de 0,6% e no que diz respeito a setembro de 2025, a queda foi de 51%. Já o faturamento caiu 29,8%. A continuidade da menor produção, com a menor presença de bananas nanicas com qualidade para exportação, principalmente advindas do norte catarinense, além da concorrência com outros países produtores (principalmente Paraguai e Equador) explicam essa queda.

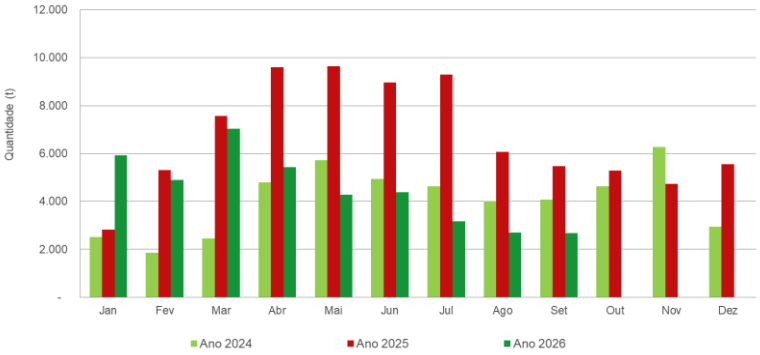
Laranja: Em relação às vendas externas nos primeiros nove meses do ano, as exportações de laranja *in natura* aumentaram 461,1% em relação ao mesmo período do ano anterior (registraram 1,89 mil toneladas), para um aumento de faturamento de 25,7%. O suco de laranja, mesmo com os problemas com a demanda europeia, apresentou recuperação do consumo em relação às safras anteriores. Esse resultado foi obtido em um contexto de baixos preços do suco no mercado internacional e de queda da produção brasileira devido à menor safra. Não há sinais de grandes aumentos de preços no curto prazo por causa do novo perfil de consumo da demanda europeia. O volume comercializado subiu 28,3%

Gráfico 23 — Principais frutas exportadas pelo Brasil no acumulado entre janeiro e setembro de 2024,2025 e 2026



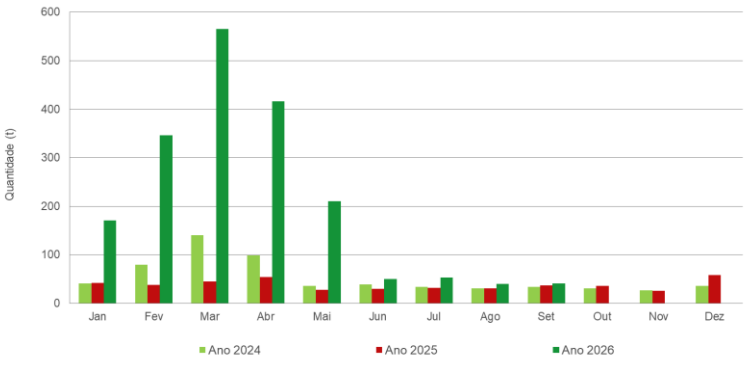
Fonte: Brasil (2026a)

Gráfico 24 — Quantidade de banana exportada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026



Fonte: Brasil (2026b)

Gráfico 25 — Quantidade de laranja exportada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026



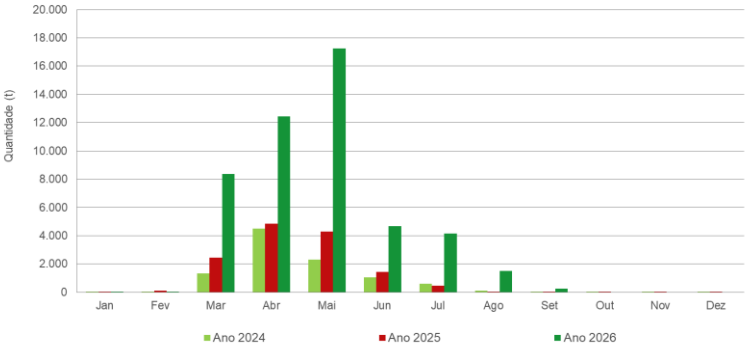
Fonte: BRASIL (2026b)

Conab

EXPORTAÇÃO DE FRUTAS E HORTALIÇAS

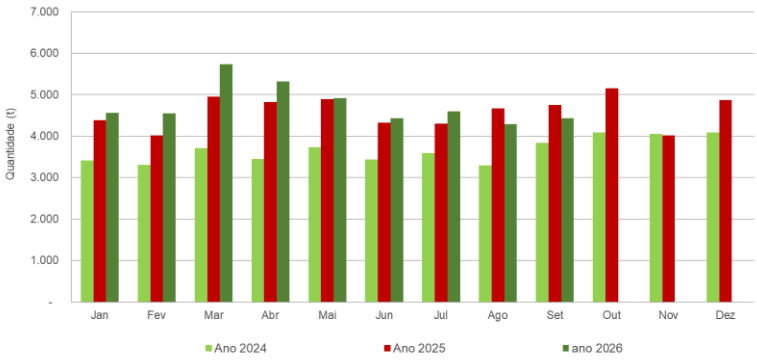
em relação a setembro de 2025 e 67,6% maior em relação ao mês anterior, além de ter crescido 10,14% no acumulado anual até setembro. Como os preços pagos ao exportador foram baixos, o faturamento caiu. Já as importações de laranjas *in natura* comercializadas pelas Ceasas subiram 162,4%, originárias principalmente da Espanha e Egito. Já as importações de laranjas *in natura* comercializadas pelas Ceasas subiram 97,6%, originárias principalmente da Espanha e Egito. **Maçã:** As vendas externas registradas nos primeiros nove meses do ano subiram, em relação ao mesmo período do mês anterior, em 255,2%. Foram extremamente maiores em relação a setembro/2025 e inferiores 83,8% na comparação com o mês anterior, confirmando a maior produtividade da atual temporada, a boa produção e as boas vendas no ano. Já o faturamento foi 242,4% superior em relação ao mesmo período do ano passado. As exportações se concentraram nos países asiáticos (Índia, Bangladesh, Arábia Saudita) e Rússia. As importações das frutas comercializadas pelas Ceasas subiram 68%. **Mamão:** As vendas externas nos primeiros nove meses do ano, em relação ao mesmo período do ano anterior, subiram 4,14%; também foram 6,54% maiores em face de setembro de 2025 e maiores 3,35% em relação ao mês anterior; o aumento do faturamento foi de 8,72% de janeiro a setembro de 2026, e teve relação direta com a qualidade da fruta. Devido à maior produção nos últimos três meses, tanto nas regiões capixabas e baianas quanto nas regiões potiguares e cearenses, os envios aumentaram e o mercado tende a continuar aquecido se a qualidade se mantiver, especialmente para a União Europeia, principal centro comprador da fruta.

Gráfico 26 — Quantidade de maçã exportada pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026



Fonte: Brasil (2026b)

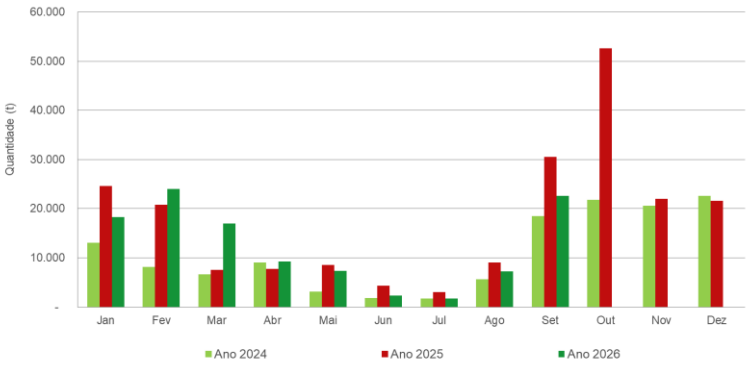
Gráfico 27 — Quantidade de mamão exportado pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026



Fonte: Brasil (2026b)

Melancia: As vendas externas nos primeiros nove meses do ano foram 5,6% menores em relação ao mesmo período do ano anterior e o faturamento subiu 12%. A comercialização foi 26,1% menor em face de setembro de 2025 e em relação ao mês passado, a alta foi de 213%. Dado o início da temporada exportadora, os números já aumentaram em relação ao mês passado e devem crescer ainda mais nos próximos meses, dadas as boas condições de produção, notadamente para as minimelancias potiguares e cearenses enviadas à Europa. No entanto, há o risco, por causa do fenômeno *El Ninõ* e de mudanças na demanda mundial, de elas serem um pouco menores em relação à temporada anterior.

Gráfico 28 — Quantidade de melancia exportada pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026



Fonte: Brasil (2026b)

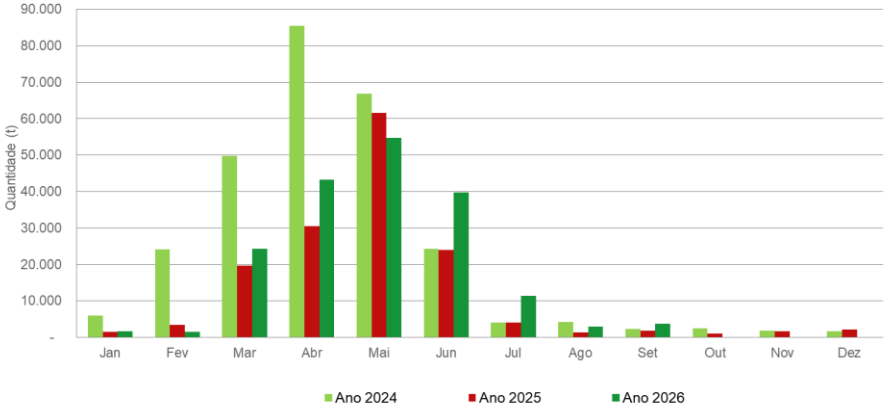
IMPORTAÇÃO DE HORTALIÇAS

IMPORTAÇÃO DE CEBOLA

Em vista dos atuais níveis de preço da cebola no mercado interno, as importações alcançaram patamares bastante baixos. Elas, mesmo de países mais próximos, tornam-se inviáveis, e não tem espaço para fazer frente a oferta nacional. Assim, as quantidades importadas em agosto chegaram a 2.961 toneladas, inferior 73,9% ao registrado em julho. O pico das importações esse ano ocorreu em maio quando foram importadas 54.764 toneladas.

No acumulado do ano até agosto as importações estão 22,8% acima do mesmo período de 2025. Novamente, deve-se lembrar que em 2025 os preços estavam baixos, diante de uma oferta mais que suficiente para atender a demanda, não deixando lacuna para a cebola importada. Em 2024, o cenário foi diferente, ou seja, preços altos com importações entrando no País para cobrir a produção nacional, que a época se ressentia de problemas climáticos em fins de 2023 e grande parte do primeiro semestre de 2024. O acumulado de 2024, até agosto, foi superior a de 2025 (81,1%) e de 2026 (47,9%).

Gráfico 28 — Quantidade de cebola importada pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026



Fonte: Brasil (2026b)

Ceasas como vetor da rastreabilidade em cadeias produtivas de hortigranjeiros



O Brasil apresenta uma estrutura de produção e comercialização de frutas e hortaliças caracterizada pela participação majoritária de agricultores familiares. Também inclui a participação de cooperativas, associações, intermediários, transportadores, atacadistas, redes varejistas e mercados institucionais. Essa diversidade representa uma importante riqueza econômica e social, mas, em conjunto, impõe desafios relacionados à organização das informações, à identificação da origem dos produtos, ao controle de qualidade, à logística de distribuição, à transparência e a transferência das relações comerciais para que se complete o círculo total da comercialização.

A identificação e acompanhamento dos produtos ao longo das diferentes etapas das cadeias de produção e abastecimento se torna necessário, considerando todo o caminho percorrido desde a propriedade rural até o último comercializador destes aos consumidores finais. Nesse contexto, a rastreabilidade das cadeias produtivas de frutas e hortaliças constitui um dos principais instrumentos para promover a modernização, a segurança alimentar, a eficiência logística e a competitividade desse nicho agrícola brasileiro. A implantação de sistemas de rastreabilidade permite enfrentar os desafios da identificação e atribuição de responsabilidade e corresponsabilidade entre os diversos elos dessa extensa cadeia de origem dos produtos e de serviços.

Entretanto, sua implementação em escala nacional exige mais do que o cadastramento individual de produtores ou a utilização de etiquetas de identificação. É necessário estabelecer mecanismos de integração entre os agentes econômicos, desenvolver padrões operacionais, promover capacitação e construir uma infraestrutura de informações capaz de conectar produção, distribuição e comercialização.

Nessa perspectiva, as Centrais de Abastecimento – Ceasas podem assumir um papel estratégico como agentes indutores, articuladores e facilitadores da implantação da rastreabilidade nas cadeias produtivas de frutas e hortaliças. As Ceasas ocupam uma posição particularmente relevante porque concentram operações comerciais, conectam diferentes regiões produtoras aos centros consumidores e reúnem produtores, permissionários, atacadistas, transportadores e compradores. Essa posição permite que funcionem como pontos de convergência das informações de origem e destino dos produtos, contribuindo para a estruturação de sistemas de rastreabilidade que alcancem milhares de agentes econômicos.

Enquanto os agricultores produzem e os estabelecimentos varejistas comercializam diretamente ao consumidor, as centrais atacadistas funcionam como importantes pontos de atração e articulação dos fluxos físicos e comerciais de frutas e hortaliças. Isso significa que uma mesma Ceasa pode receber produtos de diferentes municípios e estados, envolvendo centenas ou milhares de fornecedores, transportadores e compradores. Consequentemente, a adoção de mecanismos padronizados de identificação e registro nesses ambientes pode produzir efeitos que ultrapassam os limites físicos das centrais de abastecimento. Sendo assim, as Ceasas podem evoluir de sua função tradicional de infraestrutura de comercialização e abastecimento para uma atuação mais ampla, exercendo o papel de legítimas plataformas de inteligência, organização, rastreabilidade e qualificação das cadeias produtivas hortifrutícolas brasileiras, respeitadas suas competências institucionais.

Entretanto, a implementação desse modelo ainda enfrenta obstáculos decorrentes das diferenças entre as normas e os procedimentos adotados pelas Ceasas. Um dos principais desafios ocorre quando a produção de uma mesma propriedade abastece duas ou mais centrais, sendo que apenas uma delas exige a rastreabilidade ou que cada uma estabeleça requisitos distintos para a comercialização dos produtos. Essas divergências podem dificultar a padronização das informações e o acompanhamento dos produtos ao longo da cadeia, além de aumentar os custos de adequação e desestimular produtores e demais agentes envolvidos no transporte e no abastecimento a cumprir os requisitos estabelecidos. Dessa forma, a harmonização das regras constitui um passo importante para viabilizar a rastreabilidade de maneira integrada, embora sua efetivação dependa da articulação institucional e da compatibilização dos procedimentos entre as diferentes centrais.

A Parceria da CONAB, que gerencia o Programa Brasileiro de Modernização Hortigranjeira – PROHORT, com a ABRACEN e de suas Ceasas vinculadas pode representar uma interessante solução, pois possibilita realizar o compartilhamento de dados, análises comparativas de melhores perímetros para a implantação de processos, a realização de projetos com objetivos, metodologias, planejamento e monitoramento comum de todos os perímetros produtivos que se relacionam nos ambientes das Ceasas. A instituição de regramentos únicos pode contribuir para o êxito e ajudar no financiamento do projeto.

OBJETIVOS A SEREM BUSCADOS

Propor um modelo integrado, progressivo e economicamente viável de rastreabilidade das cadeias produtivas de frutas e hortaliças no Brasil, tendo as Ceasas como importantes vetores de articulação, implantação e disseminação das práticas de rastreabilidade, especialmente entre agricultores familiares, pequenos e médios produtores.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Estruturar mecanismos padronizados de identificação dos produtores, propriedades e produtos comercializados;
2. Integrar as informações de produção, colheita, classificação, armazenamento, transporte e comercialização;
3. Fortalecer a atuação das Ceasas na organização e qualificação das cadeias produtivas;
4. Facilitar o acesso de agricultores familiares e pequenos produtores a sistemas simplificados de rastreabilidade;
5. Contribuir para a redução das perdas pós-colheita e para o aprimoramento da gestão logística;
6. Apoiar as ações de fiscalização, vigilância sanitária e segurança dos alimentos;
7. Desenvolver indicadores de desempenho para avaliar os resultados econômicos, operacionais e ambientais;
8. Promover a integração entre Ceasas, cooperativas, associações, instituições de pesquisa, órgãos públicos e empresas privadas.

CONCLUSÕES

A rastreabilidade dos alimentos é fundamental para ampliar a transparência, fortalecer a segurança dos alimentos e possibilitar o acompanhamento dos produtos ao longo da cadeia de abastecimento. Ao invés de depender exclusivamente de iniciativas isoladas de produtores, a implantação pode ser impulsionada pela demanda organizada dos agentes que recebem, distribuem e comercializam os produtos. As Ceasas podem transformar a escala de rastreabilidade de uma obrigação individual e fragmentada para um processo coordenado, padronizado e compartilhado. Essa transformação, contudo, exige governança, investimentos proporcionais à escala de cada central, capacitação dos agentes comerciais e mecanismos que evitem transferir custos excessivos aos pequenos produtores. Tais desafios podem ser superados com parcerias com a ABRACEN e a CONAB.

ISBN 977-244658604-2



APOIO



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO
E AGRICULTURA FAMILIAR

